



Renovando a tradição: o caso da Cavallhada Mirim na comunidade de Morro Vermelho

Renewing the tradition: the case of *Cavallhada Mirim* in the community of Morro Vermelho

Camila Pereira Lisboa
Miguel Mahfoud
Universidade Federal de Minas Gerais
Brasil

Resumo

Na comunidade de Morro Vermelho (MG), encontramos uma grande devoção a Nossa Senhora de Nazareth, padroeira do distrito. A ela, dedica-se a festa da Cavallhada, iniciada há 310 anos pelos moradores do lugar. Na década de 80 do século XX, nasce também ali uma nova tradição: a Cavallhada Mirim, encenada por crianças. Entrevistamos três responsáveis pela Cavallhada Mirim de gerações diferentes, no intuito de compreender como eles vivenciam a responsabilidade em criar a festa, mantê-la e transmiti-la a outras pessoas que possam assegurar sua existência. Como resultado, observamos uma legitimação da presença das crianças nas festas tradicionais de Morro Vermelho e um relacionamento pessoal com a figura de Nossa Senhora. Notamos ainda que cada sujeito incorpora um momento dessa trajetória de vida em Morro Vermelho: da iniciação na devoção e nas tradições, até a resposta como responsabilidade, culminando na preocupação pela transmissão às gerações seguintes.

Palavras-chave: tradição; responsabilidade; cultura; mundo-da-vida

Abstract

In the community of Morro Vermelho (MG) we found a great devotion to Our Lady of Nazareth, patron saint of the district. To her, the locals dedicate the feast of *Cavallhada* (children's horse riding parade), held for the first time 310 years ago. In the 80s of the 20th century, there also comes a new tradition: the *Cavallhada Mirim*, staged by children. We interviewed three *Cavallhada Mirim* leaders of different generations in order to understand how they experience the responsibility of creating this party, keeping it and passing it on to others who can ensure their existence. As a result, we observed a legitimizing of the presence of children in the traditional festivals of Morro Vermelho and a personal relationship with the figure of Our Lady. We also note that each subject incorporates a moment of this path in Morro Vermelho: from the initiation into devotion and traditions, to the answer as responsibility, culminating in the concern of the transmission of the tradition to future generations.

Keywords: tradition; responsibility; culture; world-of-life

1. Conhecendo Morro Vermelho

Este artigo¹ fala do zelo de uma comunidade em preservar aquilo considerado como

¹ Baseado na Dissertação de Mestrado: *Renovando a tradição: o caso da Cavallhada Mirim na comunidade de Morro Vermelho*, defendida no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) no ano de 2014.



importante para sua existência e para aqueles que dela fazem parte. Iremos adentrar no universo de Morro Vermelho, pequena comunidade rural nas proximidades de Belo Horizonte (MG). Veremos o brotar de uma tradição e os motivos que a sustentaram no decorrer dos anos, a partir do trabalho conjunto de adultos e crianças no compor de uma festa carregada de sentido.



Foto 1. Vista de rua de Morro Vermelho – ao fundo, Igreja de Nazareth e Morro que dá origem ao nome da comunidade

Acredita-se que tenha sido por volta de 1650 que Morro Vermelho foi fundada, quando portugueses motivados pela extração do ouro se instalaram na região (Mahfoud, 2001a). Trouxeram consigo tradições que remetiam ao período medieval, com fortes traços barrocos, compondo um precioso patrimônio que a população local orgulha-se de manter vivo até os dias de hoje.

Atualmente, Morro Vermelho é distrito de Caeté (MG), estando localizado a uma distância de apenas 70 quilômetros da capital Belo Horizonte. Possui oficialmente cerca de 900 habitantes (IBGE, 2002). Sua economia gira em torno da plantação de eucalipto, da economia de subsistência e do turismo ecológico favorecido pela região (Leite, 2011), desfrutado em grande parte por trilheiros. A escola local oferece apenas a educação básica do 1º ao 5º ano. O acesso é feito via estrada de terra e, para aqueles que não possuem veículo próprio, é preciso adaptar-se aos poucos horários disponíveis em que existe transporte público para o lugar.

Analisando as características desse distrito, surpreende como um local tão pequeno consiga se manter vivo e conservando muitas de seus aspectos estruturais, geográficos e culturais ao longo de tantos séculos. Conhecendo a comunidade, logo se percebe que isso não acontece ao acaso. De acordo seus moradores, conservar o patrimônio cultural de Morro Vermelho é um modo de garantir sua identidade através da história, afirmando seu valor no presente e garantindo uma importante contribuição para a sociedade mineira, brasileira e também portuguesa (Mahfoud & Massimi, 2009). “Conservar” é percebido como uma das vocações de Morro Vermelho. A esse propósito, fala a moradora Nislene:



Tem a preocupação é de manter vivo o alicerce, é não deixar morrer. Eu acho isso super importante, porque hoje a gente está vivendo essa época do consumismo, só consumo, consumo, consumo e deixando de viver essas tradições locais que são importantes. Imagina um lugar pequeno como esse sem essas coisas? Seria perdido. (...) Eu já tive vários motivos [para ir embora], porque morar aqui e trabalhar fora é muito difícil, mas eu nunca tive vontade de sair daqui por causa disso aí [as tradições]. Eu não acho isso em lugar nenhum (Leite, 2011, p. 9).

Segundo já anunciado, essas tradições nasceram com os portugueses, possuem origem medieval e fortes traços barrocos que as acompanham (Leite, 2011; Leite & Mahfoud, 2007a, 2007b, 2010a, 2010b). Manifestam-se de muitas maneiras, sendo as festas locais a principal delas. “A festa não é o dia festivo, mas é esse empenhar-se com aquele momento denso de significado” (Mahfoud, 2001b, p. 58). O fazer a festa carrega consigo atos que remetem aos antepassados, a um modo próprio de envolvimento com a tradição e com a vida comunitária.

Seja em época de festa ou fora dela, a devoção é marcante em Morro Vermelho, especialmente em torno da figura de Nossa Senhora. Em Morro Vermelho, Nossa Senhora de Nazareth foi eleita padroeira do distrito. A Ela, dedicam-se novenas, orações e a principal igreja da comunidade. Para esta santa também é oferecida a festa mais proeminente em Morro Vermelho, em termos de número de moradores envolvidos, visitantes externos, recursos materiais, recursos financeiros e visível alteração do cotidiano no lugar: a festa anual de Nossa Senhora de Nazareth. Os festejos acontecem nos dias 6, 7 e 8 de setembro, sendo que no dia 7 tem espaço a Cavallhada, que conta com 310 anos de ocorrência em 2014.

No momento da Cavallhada, vinte e quatro cavaleiros ingressam no círculo enfeitado especialmente para eles. Doze estão vestidos de azul, representando os combatentes cristãos, e os outros doze que representam os mouros estão vestidos de branco. Ambos, cavaleiros e cavalos, estão adornados. Há o par de embaixadores cristão e mouro, que irá proferir discursos no decorrer da encenação que narra o conflito: as motivações do combate, os pedidos de intercessão a Nossa Senhora de Nazareth, a consequente vitória dos cristãos e conversão dos mouros. Simbolizando o acordo de paz travado entre os dois grupos, ergue-se o mastro com a bandeira de Nossa Senhora de Nazareth no topo. Ao redor dele, cavaleiros mouros e cristãos selam seu acordo de paz trançando, todos eles a cavalo, fitas multicoloridas. O espetáculo inteiro impressiona pela destreza dos cavalos e seus condutores, que correm em meio a galopes sincronizados, empinando seus animais e expressando honrarias à santa de Nazareth. Terminada a encenação, um estourar de fogos de vários minutos prende os olhares de todos.



Foto 2. *Embaixadores da Cavallhada de Nazareth*

No mês seguinte, as homenagens continuam, dessa vez direcionadas a Nossa Senhora do Rosário. Elas ocorrem em menor proporção, sendo mais conhecidas e frequentadas pelos próprios moradores do distrito.

Em meio aos festejos do Rosário, surgiu na década de oitenta a Cavallhada Mirim. Ela nasceu numa clara alusão à Cavallhada de Nossa Senhora de Nazareth. Também no adro da Igreja do Rosário é feito um círculo todo enfeitado que irá acolher os cavaleiros. Mas desta vez, ao invés de garbosos condutores em seus cavalos, pequenos cavaleiros em seus cavaleiros de pau enfeitados a correrem pelo campo serão os protagonistas da festa. Não existe restrição de idade ou número máximo de participantes; são bem-vindos à encenação os garotos que quiseram fazer parte da corrida, sendo do Morro ou não.

Iniciativas como a criação da Cavallhada Mirim são acolhidas e apoiadas pela população de Morro Vermelho como uma forma de incluir os mais jovens nas tradições do distrito. Com esse intuito, surgem estratégias para que as crianças se apropriem das tradições, garantindo que elas continuem a ser transmitidas de geração em geração. Além disso, existe a ideia de que inserir os mais jovens na rotina das festas funciona como um antídoto contra possíveis ameaças externas à formação do caráter deles. Essa é uma preocupação crescente em Morro Vermelho, em especial devido ao grande intercâmbio com o meio urbano em volta do distrito e ao grande número de visitantes que transita pela comunidade por ocasião das festas ou para desfrutar dos passeios ecológicos em volta do lugar. No caso específico da Cavallhada Mirim, muitos moradores do distrito falam da possibilidade que ela oferece dos meninos se inserirem na tradição da Cavallhada de Nossa Senhora de Nazareth, tomando gosto por ela e então passando a fazer parte dessa festa de modo ativo. Seguem alguns desses relatos:



Aí é o seguinte: eles treinam lá de pequenininho e vem pra cá. Vem pros adultos. Já tem um punhado aqui que veio de lá. (Sr. Hélio, em 07-09-12, extraído de diário de campo da pesquisadora)

É uma escolinha, né? (Charles, em 07-09-12, extraído de diário de campo da pesquisadora)



Foto 3. Cavaleiros mirins

A ideia de fazer a Cavalhada Mirim surgiu com o Sr. Nildo, na época presidente da Cavalhada de Nossa Senhora de Nazareth. Ao observar as crianças brincando de cavaleiros no dia seguinte à encenação dos doze pares, resolveu transformar a brincadeira também em festa. Reuniu os meninos que seriam os primeiros cavaleiros mirins do Morro Vermelho, mal sabendo ele que a iniciativa seria apenas o começo de uma nova festa que se prolongaria pelas décadas afora. Um desses meninos era o pequeno Cristiano, que depois, em sua juventude, herdaria o cargo de principal responsável pela Cavalhada Mirim. Os anos se passaram e exigências de trabalho forçariam Cristiano a ir morar fora de Morro Vermelho. Um menino em especial corria na época em que Cristiano era organizador da festa: Geraldo, seu irmão, 19 anos mais novo. A idade não foi um impeditivo para que Geraldo se tornasse o sucessor de Cristiano na festa no auge da sua adolescência, estando até hoje à frente da organização da Cavalhada Mirim.

Buscando recompor o histórico do surgimento e solidificação da Cavalhada Mirim, bem como suas principais características, procuramos conversar com esses três personagens. Dois deles haviam estado no papel de pequenos cavaleiros, sendo que a experiência enquanto adolescente e adulto responsável pela festa estava ligada com a experiência que tiveram enquanto crianças. Eles tinham muitas histórias para contar a esse respeito, ora exemplificando o lugar da criança pertencente à Cavalhada Mirim ora dando indicativos de como era ser um de seus organizadores, papéis que apareciam relacionados.



Adicionalmente, o fato de pertencerem a três gerações diferentes chamava atenção. O conhecimento sobre como deveria funcionar a Cavahada Mirim foi sendo transmitido de um para o outro a partir de uma vivência pessoal: mais do que falar sobre como fazer, os organizadores mais jovens tinham sido parte da festa durante anos de sua infância, aprendendo e se apropriando daqueles conhecimentos. Isso se revelou como uma possibilidade fantástica de estudar a formação de uma nova tradição a partir não de suposições teóricas e delineamentos abstratos sobre as características da festa, mas sim através da experiência viva de personagens que fizeram parte desse processo. Esses foram as principais razões para a escolha dos objetivos desta dissertação, e dos três sujeitos que nos auxiliarão a cumpri-los.

Após adentrarmos um pouquinho na realidade de Morro Vermelho, conheceremos agora o embasamento teórico-metodológico que serve como auxílio no desenvolvimento dessa pesquisa.

2. Embasamento teórico-metodológico

Iniciemos nossa tentativa de compreender a tradição considerando-a como um acervo coletivo de memórias conservadas por um povo e com implicações diretas para a vida de seus membros. Somos todos portadores de uma e de muitas tradições a influenciar nossa forma de olhar e agir sobre o mundo. Por isso, é possível tratá-la como um tipo peculiar de experiência transmitida de uma geração a outra, de modo a dar sentido à existência de um determinado povo (Pereira & Mahfoud, 2006). Os valores tradicionais são assumidos como referências para a construção de relacionamentos internos e externos ao grupo, mas são também mantidos pela dedicação pessoal de cada membro em preservar aquilo que reconhece como valor (Berger, Berger & Kellner, 1979; Berger & Luckmann, 2004; Giussani, 2008, 2009). Ela é um tipo de herança, conservada em seus aspectos estruturais, mas também modificada a fim de continuar respondendo aos desafios do presente colocados pela existência pessoal e coletiva (Giussani, 2009).

Dentre alguns critérios que caracterizam uma comunidade como tradicional, Berger, Berger e Kellner (1979) falam de uma organização social que gira em torno de um centro, normalmente religioso. No caso de Morro Vermelho, constata-se que as manifestações de devoção a Nossa Senhora são um elemento característico da vida dos moradores, dedicando a Ela uma parte significativa das festas que acontecem no lugar.

A tradição possui uma forte ligação com o passado. Ela se relaciona com a memória, em especial com a “memória coletiva” para usar os termos de Maurice Halbwachs (1950/2011). Mais do que isso, Beck, Giddens e Lash (1997) destacam que a tradição faz ainda uma alusão ao futuro, de forma que pretende estabelecer as bases de organização do porvir. Os autores ressaltam também que a tradição é enraizada em contextos de origem,



envolve rituais, “guardiães” e, ao contrário do mero costume, tem uma força que une conteúdos morais e emocionais em sua manutenção. Acrescentam que as tradições são ativas e interpretativas, possuindo um caráter orgânico através do qual “se desenvolvem e amadurecem, ou enfraquecem e ‘morrem’” (p. 81).

Canclini (1997) defende que no conflito entre tradição e modernidade, muitas tradições que se julga estarem condenadas a morrer, na realidade estariam apenas se transformando. Elas não podem ser simplesmente substituídas a partir da lógica da modernidade, em que as rápidas mudanças compõem um mundo onde tudo pode ser descartado. Isso porque, em se tratando de tradições, existe um tipo de “investição” (p. 363), uma carga afetiva envolvida que dificulta que elas sejam abruptamente substituídas ou anuladas. Assim, pesquisas envolvendo o tema do tradicional na vida moderna devem investigar não como as tradições estão sendo conservadas de modo inalterado, e sim como elas estão interagindo com os dramas da modernidade, de modo a se transformarem.

Em relação ao referencial que embasou os nossos passos de pesquisa em Morro Vermelho, ele também trata do tema da tradição e da cultura, embora com um viés mais específico: o da Fenomenologia Clássica. Desde suas primeiras ideias, Edmund Husserl, que inaugurou a Fenomenologia enquanto movimento filosófico com contornos próprios, já sinalizava que a consciência relaciona-se necessariamente com o meio onde está expressa. Nele, um mundo de cultura e tradições não poderia ser ignorado. Assim nasce a Fenomenologia, insatisfeita com as direções que a ciência moderna estava tomando, ávida em propor um método e um novo fundamento à Filosofia, às ciências como um todo e, em especial, a Psicologia.

2.1. O viés da fenomenologia clássica de Edmund Husserl

Husserl fala do terreno doador de sentido para toda a atividade humana, inclusive para as ciências. É o mundo-da-vida, universo espiritual em que o humano se expressa, se produz e se recria de modo interminável (Fabri, 2007). Ele é o mundo histórico-cultural sedimentado intersubjetivamente em usos, costumes e saberes, uma realidade rica e polivalente construída pela consciência humana (Leite & Mahfoud, 2010b; Zilles, 1994). O mundo-da-vida representa o relacionamento do ser humano com o seu contexto, onde “vida” aqui representa a complexidade da nossa existência que é, ao mesmo tempo, pessoal e coletiva (Ales Bello, 2004, 2010). O conceito mundo-da-vida pode ser também concebido na teoria husserliana como um recurso para a orientação ética e constituição metodológica de uma ciência rigorosa (Cavaliere, 2010), ao considerar a intersubjetividade como elemento essencial para a constituição do humano em seu movimento individual e histórico.

Em Husserl, um dos componentes do mundo-da-vida é a intersubjetividade, onde “mundos de experiência se juntam num único mundo intersubjetivo – a unidade de um



mundo de espíritos” (Husserl, 1912/2006, p. 114). Ela possibilita a constatação da existência de uma realidade concreta a partir daquilo o que se mantém dos objetos apesar de uma multiplicidade de aparências que ele apresenta diante de diferentes sujeitos (Fragata, 1959). É ainda esse conceito que permite à teoria husserliana referir-se a um movimento histórico, dada a constituição do mundo por diferentes eus, tempos e gerações distintas (Capalbo, 1996).

Nesse sentido, a própria vida pessoal exige um viver num horizonte comunitário, sintetizador das realizações espirituais humanas por excelência (Husserl, 1954/2008; Stein, 1932-33/2003, 1917/2005). Na Fenomenologia clássica, comunidade difere das meras associações de massa, representando a convivência entre sujeitos singulares, não redutíveis a uma consciência coletiva, e sim sua união pela vontade (Ales Bello, 2006; Fabri, 2007). No ambiente comunitário, a cultura e suas tradições não são simplesmente aceitas de modo passivo, mas são criadas e recriadas, como já discutido.

Em suma, para Husserl a cultura de uma comunidade é composta por um conjunto de operações da consciência, originadas no mundo-da-vida, expressas em atos e mantidas através da tradição. A tradição conserva a cultura na medida em que possibilita que qualquer geração posterior compreenda e reviva o sentido espiritual dos elementos instituídos num dado contexto. Ela serve, portanto, como um instrumento de socialização entre diferentes sujeitos através das gerações, cada uma delas recriando os valores culturais e acrescentando suas próprias contribuições, de modo a representar a dinamicidade do processo histórico.

3. Método

O método fenomenológico se configura como uma abordagem descritiva que pretende compreender o fenômeno estudado a partir dos significados que emergem dos relatos de um sujeito enquanto este descreve a sua experiência. Em Husserl, “fenômeno” é aquilo o que se mostra ao sujeito, a uma consciência que se volta intencionalmente a captá-lo em sua essência. Com isso, nos fala van der Leeuw (1933/2009), toda a essência de um fenômeno se constitui em se mostrar a alguém, embora o fenômeno em si não seja produzido, corroborado ou provado apenas pela consciência.

No caso do estudo aqui descrito, foi efetuada uma pesquisa qualitativa de base fenomenológica. Os participantes foram escolhidos através de uma amostragem intencional (Thiollent, 1986). São três sujeitos - Nildo, Cristiano e Geraldo - cada um deles responsável pelo ensaio das crianças em algum momento da história da Cavallhada Mirim, desde o surgimento desta festa até os dias atuais.

Em paralelo, foi empreendida uma observação participante segundo a classificação “participante-como-observador” (Cicourel, 1990; May, 2004). Essa observação visava captar



elementos gerais para uma ampliação do olhar sobre a comunidade de Morro Vermelho, sua rotina, a organização de suas festas, a Cavallhada de Nossa Senhora de Nazareth, a Cavallhada Mirim e muitos outros aspectos. O estudo teve também um cunho etnográfico (Brandão, 2005, 2007; Geertz, 1989), pois para bem analisar as entrevistas feitas diretamente com os organizadores da Cavallhada Mirim, foi necessário entender o contexto da festa e o papel da tradição em Morro Vermelho de modo mais amplo. Nessa lógica, algumas entrevistas etnográficas (Flick, 2004) foram empreendidas para enriquecer nosso entendimento sobre o fenômeno de investigação, contudo diferindo das entrevistas principais para análise feitas com os organizadores da Cavallhada Mirim.

No caso das entrevistas empreendidas com os sujeitos do estudo, elas foram semi-estruturadas, tendo-se em mente os propósitos da investigação e a importância de se captar o vivido, não apenas opiniões sobre o assunto (Amatuzzi, 2001). A coleta dos relatos foi feita nos meses de setembro e outubro de 2012, entre as comemorações da Cavallhada de Nossa Senhora de Nazareth e da Cavallhada Mirim. Nesse período, os sujeitos estavam envolvidos com as festas, apresentando-se susceptíveis a falarem de suas experiências diante de momentos mais propícios à elaboração delas.

Foram feitos registros em forma de diários de campo para auxiliar no entendimento do contexto e dos momentos em que as entrevistas foram efetuadas. Além disso, utilizou-se uma câmera fotográfica como instrumento de apoio, com o propósito de captar momentos relevantes ao estudo, considerando a imagem um registro poderoso das ações temporais e dos acontecimentos reais, ou seja, concretos e materiais (Loizos, 2002).

Na tentativa de explicar um pouco do tratamento realizado com as entrevistas, retomemos a teoria fenomenológica. Segundo ela, a principal tarefa da análise realizada pela Fenomenologia é estudar o significado das vivências assim como se apresentam a uma consciência. Para isso, recorre-se à análise descritiva dessas vivências, tomando como base seus elementos empíricos, visando descobrir e apreender a essência do fenômeno investigado. O trabalho de reconstrução das vivências proposto por Husserl é sistematizado por van der Leeuw (1933/2009) segundo as etapas² que seguem.

1. Nomeação - Momento em que o fenômeno de interesse é definido conforme um nome, algo que desde o início exige uma classificação. A nomeação é um bom ponto de partida porque com ela deixamos explícito o significado que o fenômeno assume para nós, como escolhemos tomá-lo.

2. Inserção da vida de outrem na nossa própria vida - Antes de tentar compreender como o fenômeno ocorre para outro sujeito, o pesquisador precisa compreender os significados que tal fenômeno possui em sua própria vida. Só assim qualquer comparação se

² Embora essas etapas tenham sido sistematizadas por van der Leeuw (1933/2009) para propiciar um entendimento didático do trabalho fenomenológico, elas não seguem necessariamente uma sequência linear, podendo acontecer em ordem diferente daquela sugerida aqui, ou mesmo simultaneamente.



torna viável, podendo então ser identificado o semelhante ou diferente a partir de um acervo de referências que esteja explícito para esse pesquisador.

3. *Epoché* – “A fenomenologia se ocupa somente dos fenômenos, ou seja, do que se mostra; para ela, não há nada por ‘detrás’ do fenômeno”, explica van der Leeuw (1933/2009, p. 181). Desse modo, é necessário que o pesquisador tente se despir de suas concepções prévias, de suas interpretações sem evidências, para conseguir enxergar “aquilo o que se mostra” (p. 179) do fenômeno.

4. Elucidação – Nessa etapa, procede-se a uma tentativa de compreensão do fenômeno a partir de uma “conexão típica ideal” (p. 182). É feita uma tentativa de localizar os achados acerca do fenômeno dentro de um conjunto de categorias do que ele é e do que não é, a fim de melhor defini-lo.

5. Compreensão propriamente dita – Essa compreensão é descrita pelo autor como uma “revelação”, segundo a qual é possível entender o fenômeno de acordo com as relações que ele estabelece com as vivências da pessoa. Aqui, são formuladas ideias sobre a essência ou estrutura do fenômeno de interesse.

6. Retificação – A pesquisa fenomenológica levada a termo exige uma perpétua retificação, na certeza de que toda interpretação se dá num contexto e, desse modo, apenas uma parte do fenômeno é compreendida (nem sempre corretamente). Sendo assim, é necessário que o pesquisador esteja pronto a visitar e corrigir seus achados, confrontando-os com documentos, com fatos das mais diversas ordens e a partir de novos contatos com as pessoas investigadas.

7. Testemunho – É nessa fase que pesquisador relata suas conclusões. Eles são o resultado daquilo o que foi possível captar do fenômeno, sendo apenas uma parte deste, portanto. O pesquisador irá então confrontar aquilo o que foi encontrado com aquilo o que se faz presente em suas hipóteses e teorias.

Em se tratando de uma análise da subjetividade e intersubjetividade, o que esses passos pretendem é fornecer elementos rigorosos em termos de método para que seja possível aproximarmos de uma experiência “tipo”, onde diferentes vivências são organizadas num conjunto maior que permita a generalização.

A generalização da qual se trata nesta pesquisa é uma generalização dentro dos casos selecionados. Ou seja, a partir dos relatos, buscou-se identificar a estrutura das vivências de cada um dos sujeitos entrevistados em primeiro plano. Apenas depois dessa primeira análise, foi então possível falar da vivência de responsabilidades para esses três sujeitos transversalmente. É esse resultado transversal que será detalhado adiante.

Este artigo não conseguirá detalhar todos os resultados encontrados no estudo mais amplo que o originou. Mencionaremos alguns resultados gerais que descrevem a dinâmica relatada pelos três sujeitos que fizeram parte do estudo.



4. Resultados

As falas de Nildo, Cristiano e Geraldo nos ajudam a compreender o que eles elegem como mais representativo de suas vivências em relação à responsabilidade com a Cavallhada Mirim. Cada um deles citou elementos que remetem à sua própria história com a festa, o que nos permite identificar singularidades nos relatos. Mas existem também pontos em comum, construindo o precioso elo que permite que esta festa continue acontecendo no decorrer do tempo, sustentada pelo assumir da responsabilidade ao longo de diferentes gerações. Além das vivências compartilhadas entre estes três sujeitos, é possível ainda identificar aspectos que estão presentes também na vida comunitária de Morro Vermelho, estabelecendo um relacionamento com a cultura do lugar e suas muitas tradições.

Seja como for, os relatos dos três sujeitos reiteram que a responsabilidade é uma condição indispensável para que a tradição sobreviva. Trata-se de uma responsabilidade compartilhada pela comunidade, por cada geração, mas também mantida por cada sujeito em particular. É interessante perceber nas entrevistas dos atores deste estudo um processo que descreve como tal responsabilidade nasce em suas vidas, como ela se sustenta e é transmitida para a geração posterior. Esse processo coincide com o ciclo de existência da própria tradição: ela emerge para uma comunidade, é sustentada por diferentes gerações que a identificam como algo de valor e, bem por isso, que se preocupam em transmiti-la a fim de assegurar sua existência para os que vierem depois. Vejamos como essa lógica comum aos três participantes permitiu que a Cavallhada Mirim se tornasse uma tradição, assumida por protagonistas que nos contam a importância da responsabilidade nesse processo.

4.1. O brotar da responsabilidade para com a tradição

No caso dos três participantes do estudo, eles revelam um emergir da responsabilidade quando ainda se é uma criança. Todos eles citaram exemplos de como ajudavam ou se responsabilizavam sozinhos por afazeres das festas enquanto eram pequenos. Adicionalmente, verificamos nas falas que os três sujeitos, enquanto responsáveis pela Cavallhada Mirim, também compartilham responsabilidades da festa com as crianças. Do mesmo modo que lhes confiaram tarefas no passado, enquanto pequenos, eles também acreditam que as crianças podem e devem assumi-las, respeitando as suas especificidades. Em visitas a Morro Vermelho, percebemos que isso não se trata de uma exceção. Encontramos crianças e idosos ativamente envolvidos com os preparativos das festas, no papel dos principais responsáveis por muitas delas (em especial, os mais velhos) ou sendo os protagonistas delas, como ocorre na Cavallhada Mirim. Nessa comunidade, as crianças e os mais velhos não parecem ser vistos como personagens incapazes e descartáveis, como muitas



vezes a ideologia moderna faz acreditar, dada a realidade não produtiva economicamente desses dois extremos sociais.

No caso das crianças do distrito, mais do que uma legitimidade conferida à participação dos pequenos, o atribuir de responsabilidades emerge também como uma estratégia educativa. Alguns exemplos podem ser mais nitidamente observados no modo como a escola local envolve as crianças nos preparativos de algumas festas que carregam as tradições do lugar, favorecendo a imersão delas em elementos próprios do acervo cultural da comunidade (Leite, 2011; Leite & Mahfoud, 2007a, 2007b, 2010a, 2010b). Sem a presença dos mais novos, a própria Cavallhada Mirim não teria sentido de existir; sem o envolvimento e a responsabilidade deles, a festa não ocorreria no presente e não se sustentaria para as gerações futuras. A história desses três sujeitos descreve bem como a o assumir da responsabilidade pela criança já é um primeiro passo para que tal responsabilidade permaneça na idade adulta, contribuindo para sustentar a tradição.

Vejam um exemplo de como isso aparece na fala de Nildo. Ele nos conta como ingressou na festa de Nazareth ainda pequeno, a partir do convite para *pagar o mordomo*, uma das contribuições para a festa de Nazareth. Ele não apenas aceitou a proposta, como sentia alegria de assumir aquela responsabilidade:

Camila: O senhor tinha quantos anos quando começou a fazer parte da festa?

Nildo: Ah, eu não tinha acho que mais de doze ano não. Ah, tinha não. Eu custei a arrumar dinheiro pra pagar o mordomo, eu não tinha mais que doze ano não. Ó, eu não sabia nem o quê que era, eles me perguntaram se eu queria ser mordomo, eu quis e pus. Mas era uma alegria, uma alegria, sabendo que eu tava juntando dinheiro pra pagar mordomo. Ainda lembro ainda. Quando eles foram fazer acerto no dia oito, eu fui com o dinheiro no bolso pra pagar. Com pouco, meu pai chegou lá "Eu quero saber, que meu filho entrou de mordomo, eu quero saber quanto ele tá devendo aí". Eles falou "Não, ele já pagou, ele tá ali, ó ele sentado ali, ele já pagou".

Diante disso, cabe perguntar: quais seriam as principais influências para o assumir da responsabilidade por parte dos pequenos? Nossos três sujeitos forneceram indicativos de que existe uma influência do círculo familiar mais próximo, e também pela comunidade como um todo. Essa influência é revestida por uma grande carga afetiva, que contribui para que a criança adote as referências do grupo ao qual está ligada. Uma consequência, como já explorado em Halbwachs (1925/2004, 1950/2011), é que se mantém a memória daquilo o que avaliado como mais importante naquele determinado contexto ou quadro social, a partir dos vínculos afetivos que são estabelecidos com ele.

Na fala abaixo, será possível perceber como Geraldo identifica a responsabilidade que ele e sua família possuem atualmente com a Cavallhada Mirim como algo que sobrevive já há algumas gerações nesse contexto familiar. Acompanhemos:

Geraldo: Porque essa festa meio que assim... Meu avô com, eu acho que com o Nildo, não tenho muita certeza... Eu acho que o Nildo fundou, meu avô pegou pra ajudar. Mas acho que meu avô já mexia com essa festa. Eu sei que veio passando, veio



passando, meu irmão correu, aí meu irmão ficou com a responsabilidade, veio e aí passou, a responsabilidade dessa festa é nossa [ênfase]. Assim, não precisa nem se preocupar, que a parte da Cavallhada Mirim, o dia da Cavallhada Mirim, é nosso [mais ênfase no "nosso"]. É da casa.

No caso do estudo aqui empreendido, os três participantes acolheram as influências ao redor como um convite à responsabilidade, ao qual eles responderam de formas distintas. Todos, em algum momento, zelaram pela existência da Cavallhada Mirim. Compartilharam essa responsabilidade com outros colaboradores da comunidade e com as próprias crianças, cada uma também respondendo ao convite de um modo singular. Assim, os fatos culturais ganham vida apenas através de um relacionamento, onde cabe a cada um decidir quais elementos daquela cultura acolher em si mesmo, e como irá oferecer sua resposta diante disso (Mahfoud, 2003, 2005).

Embora a responsabilidade com a tradição possa ser fruto de uma influência coletiva (comunitária e/ou familiar) a princípio, ela apenas se sustenta a partir de uma implicação pessoal. Sua repercussão se dá num sujeito que responde de diferentes modos, escolhendo pela adesão à proposta ou não, sendo a responsabilidade uma das respostas possíveis. No caso dele aceitar assumi-la, seus modos de adesão variam, devendo isso ser respeitado pelos outros membros da comunidade.

Nesse sentido, perguntamos diretamente a Nildo se ele espera que os cavaleiros mirins se tornem cavaleiros da Cavallhada de Nazareth quando crescerem. Ele responde:

Nildo: É porque se a pessoa tiver também vontade, né? Às vezes tá fazendo uma coisa, mas não é aquilo que ele quer pra frente. Não é? Então uns gosta de cavalo, já vai querer correr, às vezes não dá nem oportunidade pra eles. Mas outros... Não é aquilo que eles querem também, é só a oportunidade mesmo de correr. Então assim, aqueles que quis correr, corre.

No exemplo seguinte, veremos como Cristiano justifica a sua escolha pela responsabilidade com a festa como algo que ele assume como um autêntico gostar, e não como uma mera obrigação que lhe foi imposta por outros membros da comunidade.

Cristiano: Tem que ter sentido as coisas, as pessoas tem que fazer as coisas por livre e espontânea vontade e ajudar, procurar, assim... Se você gosta daquilo, ah, vão lá mexer, vão. E aquilo, 'cê vai tomando conta daquilo, aquilo ali passa a ser seu, entendeu? Vai ficar um compromisso pra você fazer, entendeu?(...) É isto aí. A pessoa tem que procurar melhorar as coisas, entendeu?

Nildo, Cristiano e Geraldo nos falam de elementos significativos para eles, de tal modo que justificam a responsabilidade em manter essa nova tradição que é a Cavallhada Mirim. Ambos acolheram os estímulos familiares e comunitários, oferecendo diferentes respostas, seja ancorados no desejo de manter algo pela fé, pelas crianças, pela beleza da festa ou por tantos outros motivos que nos revelaram. Eles não apenas responderam ao chamado, mas agora também convidam os mais novos a se envolverem com aquilo o que identificam como



muito significativo. Depois dessas primeiras considerações, passemos a um segundo momento, que trata de como se sustenta a responsabilidade nesses sujeitos no decorrer de suas vidas.

4.2. O manter da responsabilidade para com a tradição

Até aqui, percorremos o caminho que nos fornece indicativos sobre como nossos três sujeitos abraçaram a responsabilidade quando ainda eram pequenos. Mas para manter essa responsabilidade com o passar dos anos é preciso que tal adesão seja constantemente reafirmada a partir de razões que, no presente, justificam o desejo de cuidar da tradição. Se muitas são as dificuldades, a exemplo do que citaram sobre a falta de recursos e de auxílio de outras pessoas, por que então continuar assumindo a responsabilidade pelas festas?

Nesse sentido, nossos três personagens destacam ter prazer em participar das festas, seja pelo fato de se definirem como *social* (termo utilizado pelo Nildo para se auto descrever) ou por gostar tanto daquilo, que se deseja manter e melhorar cada vez mais. Entretanto, existe uma outra razão, central em nossos relatos. Nildo diz que não tem medo de enfrentar os desafios, pois não está só: *Aonde que eu não tenho, é eu que tô cansado, mas eu num tenho medo de fazer a festa não por causa d'Ela. Eu num tenho medo.* "Ela" também é identificada por Cristiano como sendo quem *fornece* aquilo o que é necessário para a Cavallhada Mirim continuar acontecendo. A imagem d'Ela é descrita com empolgação por Geraldo como algo que lhe provoca uma vivência de beleza. Estamos falando de Nossa Senhora.

Nossa Senhora pode receber muitos nomes em Morro Vermelho, a depender da crença de cada um e do momento festivo pelo qual a comunidade atravessa: Nossa Senhora de Nazareth, Nossa Senhora do Rosário, Nossa Senhora Aparecida etc. Seja como for, esta santa e tantas outras figuras de devoção em Morro Vermelho revelam a centralidade da experiência religiosa no lugar.

Para Giussani (2009), a experiência religiosa é originada a partir do senso religioso, que é um ímpeto por correspondência total e realização humana plena, uma busca de relacionamento pessoal com uma fonte misteriosa de sentido. É diante dessa realidade misteriosa que surge o maravilhamento, o fascínio por essa presença que provoca o humano, atraindo-o para um universo de beleza harmônica, intangível pela nossa consciência racional. O mistério do qual se trata não é um limite para a razão, mas sua consequência última, a descoberta de algo incompreensível na própria razão. Isso revelaria a pequenez do nosso existir, uma vez que a consciência estaria fadada a buscar algo além do seu próprio eu, indo em direção a um universo de possibilidades sem fim (Giussani, 2009).

Ainda em relação à experiência religiosa, Gerardus van der Leeuw (1992, citado por Ales Bello, 2004), um dos principais teóricos da religião sob o viés fenomenológico, a caracteriza como uma abertura à potência e à totalidade. Elas seriam um tipo de



superioridade invocada pelo homem diante da constatação de suas limitações. Em outras palavras, esperamos que essa força misteriosa venha ao nosso socorro e nos salve quando a invocarmos; ela carrega consigo um potencial transformador que faz coisas extraordinárias, coisas essas para muito além de qualquer capacidade de explicação racional.

Mais uma vez dialogando com a realidade de Morro Vermelho, é possível constatar uma relação pessoal com a potência, representada pela figura de Nossa Senhora. Ela age através de seus misteriosos desígnios, mas também se faz presente na vida de seus devotos a partir de um contato muito próximo - Ela atende pessoalmente aos pedidos que lhes são feitos, Ela gosta de festa e até mesmo oferece sinais concretos de sua presença.

Acompanhemos como Nildo se refere à presença de Nossa Senhora como Aquela que ajuda a *segurar* as festas de Morro Vermelho. Ela *gosta de festa* e, bem por isso, ajuda o povo do Morro a fazer com que as comemorações aconteçam.

Nildo: Segura! Segura! Segura, mas segura mesmo! [ênfase] Segura, é Ela mesmo, então... Aonde que eu não tenho, é eu que tô cansado, mas eu num tenho medo de fazer a festa não por causa d'Ela. Eu não tenho medo.

Cristiano também ressalta muita essa presença, de tal modo que tenta fazer com que ela se tornasse acessível para os pesquisadores através de uma simples construção lógica:

Cristiano: Tá vendo? Começa a pensar nas coisas por outro aspecto. Obviamente, quem não tem... Quem não acredita, quem não... Tem muitas pessoas que têm fé em Deus, né, e pensam que Deus é um ser único, que nasceu dele mesmo. Aí se 'cê olhar por outro ângulo, como é que Deus nasceu dele mesmo, se todo homem nasce da sua mãe? É um pouco discrepante, não é? Enfim, não dá pra discutir religião, dá pra discutir é fundamento de Deus na nossa vida.

Nossos três participantes também destacaram elementos importantes para a realização tanto da Cavallhada de Nazareth quanto da Mirim, que remetem à materialidade presente nas duas festas e que ajuda a evocar uma experiência religiosa. Eles citam a importância dos fogos para *abrilhantar* a festa, das luzes, da ornamentação da igreja, dentre outros. Geraldo, em especial, conta da sua experiência de maravilhamento com a igreja do Rosário, seu altar, detalhando ainda os cenários que o incitam beleza no decorrer da festa, com destaque à chegada triunfal que "Ela" faz ao adentrar o adro do Rosário. Ele, muito mais que os outros participantes, destaca uma experiência estética com a festa, algo presente em outros jovens que também estão se aproximando agora com as tradições do lugar. Nesse trecho, ele fala sobre os motivos pelos quais acha que a festa do Rosário tem que acontecer na pequena igreja dedicada a esta santa.

Geraldo: Porque a festa de Nossa Senhora do Rosário, a festa tem que ser lá, sabe? Se você ver que lindo que é ela chegando no escuro, que ela sobre num breu, só com vela... Na hora que ela chega lá que vem os fogos, aquilo vai clareando o céu e as bengalas dando aquela iluminada, é lindo! É muito bonito! Assim, no dia da Cavallhada, a gente põe iluminação porque é uma coisa mais demorada, então que



requer mais claridade. Mas ela não, ela simplesmente chega, aí tem a recepção dela lá, tem o parabéns pra ela, ela entra pra igreja e dentro da igreja que aí vem os agradecimentos, aí tem a bênção do santíssimo, essas coisas. Mas assim, a festa dela, é lá, tem que ser lá, eu acho que o bonito da festa dela é lá. Eu gosto, nó!

Seja como for, verificamos ainda a preocupação de que se mantenha a responsabilidade com as tradições da comunidade, e em especial com a Cavallhada Mirim. Continuemos a seguir os passos dos nossos sujeitos.

4.3. A tradição para os que vierem depois

Segundo nos contou Nildo sobre o nascimento da Cavallhada Mirim, vemos uma associação à Cavallhada de Nossa Senhora de Nazareth, da qual ele era Presidente. Mas logo a festa das crianças foi tomando contornos próprios, à medida que Nildo identificava aquele espaço como sendo uma oportunidade para valorizar a brincadeira dos pequenos. Se por um lado era necessário *segurar a cavallhada adulta*, por outro importava que, mesmo as crianças não tendo *noção de alguma coisa*, elas estavam *sendo feliz*. Desde o início da história da Cavallhada Mirim, percebemos então que existe uma expectativa de que ela sirva como uma iniciação das crianças à tradição da Cavallhada, mas representando também um espaço para elas construírem seus próprios significados. Nesse espaço, vimos emergir um importante fator para que a tradição se mantenha, seja ela a da Cavallhada ou qualquer outra: a responsabilidade.

Camila: O senhor acha que pra eles é mais uma brincadeira, ou alguns levam a sério, querem realmente levar a tradição adiante...?

Nildo: Ó, menino não tem noção do que tá fazendo, porque corre menino lá de todo tipo, eles não tem muita noção, né? Mas eles tá feliz, ué! Eles não tem noção, eles querem é correr. Eles correm à toa, pela rua fora aí, lá eles tá representando alguma coisa, apresentando alguma coisa. Então pra eles é bom demais, ué! Eles podem ter noção de alguma coisa; se não tiver, eles tão sendo feliz. Né?

Foi compartilhando a responsabilidade com as crianças, que muitas delas contribuíram efetivamente para que a festa pudesse acontecer. Mais do que isso, foi em meio a essas crianças que brotaram os responsáveis para que a Cavallhada Mirim continuasse ocorrendo nos anos posteriores. Cristiano e Geraldo vivenciaram o papel da brincadeira de criança, aprenderam a gostar, a ter amor, a querer fazer algo sempre melhor. Da responsabilidade desses três personagens, a Cavallhada Mirim nasceu e se manteve.

Se uma das preocupações iniciais era a de conservar a Cavallhada adulta, percebemos depois já a preocupação em conservar a Cavallhada Mirim. Nildo revela sua satisfação de que esta festa continue acontecendo. Cristiano, por sua vez, viu-se obrigado a ter que se afastar dela, mas ainda hoje sua responsabilidade com a Cavallhada Mirim ainda é notável, seja financiando uma parte dos custos ou ajudando nos preparativos. Ele compartilha com o



irmão as angústias e alegrias de manter a festa dos meninos. Mesmo diante da necessidade de também ter que sair de Morro Vermelho para estudar, Geraldo afirma que continuará sendo o responsável pela festa, voltando para ensaiar os meninos e cuidando de todos os preparativos.

As falas dos nossos personagens revelam que tal responsabilidade é mantida porque é vista como significativa. Há um estímulo da família e da comunidade, mas cada um oferece sua resposta. Existem aqueles moradores que criticam as festas do Morro, que denunciam os fogos, que não ajudam e até atrapalham, nos provando que o processo de manter algo pode ser bastante tenso. Mas existem também aqueles que resolvem acolher e responder a essa provocação, escolhendo o seu modo de contribuir para manter algo de valioso à vida comunitária e à sua própria vida.

No relato abaixo, Cristiano exemplifica novamente que o assumir da responsabilidade deve acontecer porque se gosta, não como uma imposição. Também pelo gostar autêntico, é que se deve cuidar para que aquilo se mantenha para as gerações posteriores.

Cristiano: Se 'cê gosta daquilo... É a mesma coisa, se 'cê gosta de, de almoçar, se 'cê não fizer almoço, 'cê não almoça, entendeu? E 'ocê quer almoçar, e não sabe fazer, 'cê tem que procurar aprender, pra você, no dia em que você não tiver quem faz seu almoço pr'ocê, se fazer o almoço. Aí, se não acaba mesmo, se não 'cê morre de fome. [risos] É uai! Então 'cê tem que tá sempre, se 'cê gosta daquilo, 'cê tem que procurar aprender a fazer aquilo, tá sempre ali fazendo, ensinando alguém fazer pra não acabar, se não acaba mesmo, se não acaba, mas aí, vai acabando, acabando, quando for ver não tem mais nada, aquilo passa, deixa de existir, entendeu?

O que desperta atenção nesses e em outros relatos presentes em estudos realizados em Morro Vermelho é que existe um chamado não necessariamente a manter uma tradição em particular, em meio a tantas do local. Antes, existe um chamado à responsabilidade. O convite que é lançado por aqueles ativamente envolvidos com os preparativos das festas e com outros elementos tradicionais no Morro é para o compartilhar da responsabilidade, sem a qual nada desse acervo poderá ser mantido.

Sem alguém para carregar consigo a responsabilidade de sustentar as tradições, a cultura, a memória de Morro Vermelho, tudo isso poderá ficar registrado nos livros e até neste trabalho, mas não terá a vivacidade própria da resposta transformadora ao que é precioso e que, bem por isso, vem atravessando o tempo. No caso da Cavallhada Mirim, já foram três décadas. Três gerações cuidaram de mantê-la. Muitos pais, visitantes, colaboradores e crianças de diferentes idades receberam e responderam o chamado de manter essa festa acontecendo. Vários deles lutam para manter outras tradições vivas no lugar. Seja como for, Morro Vermelho e esses três sujeitos que nos contaram um pouco de suas trajetórias com a Cavallhada Mirim nos ensinaram muito sobre o significado de assumir e cuidar de algo verdadeiramente importante para aquilo o que somos. Pensando nisso, Nildo nos diz: *Então não tendo uma pessoa pra segurar, acaba, acaba. Tem que ter uma pessoa pra segurar.*



Referências

- Ales Bello, A. (2004). *Fenomenologia e ciências humanas: psicologia, história e religião* (M. Mahfoud & M. Massimi, Org.s e Trad.s). Bauru, SP: Edusc.
- Ales Bello, A. (2006). *Introdução à fenomenologia* (J. T. Garcia & M. Mahfoud, Trad.s). Bauru, SP: Edusc.
- Ales Bello, A. (2010). A questão do sujeito humano. Em *Anais do Seminário Internacional de Pesquisa e Estudos Qualitativos, IV*, s. p. Rio Claro, SP: Unesp. Recuperado em 25 de janeiro, 2013, de www.sepq.org.br/IVsipeq/anais/artigos/119.pdf
- Amatuzzi, M. M. (2001). *Por uma psicologia humana*. Campinas, SP: Alínea.
- Beck, U., Giddens, A. & Lash, S. (1997). *Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna* (M. Lopes, Trad.). São Paulo: Universidade Estadual Paulista. (Original publicado em 1995).
- Berger, P., Berger, B. & Kellner, H. (1979). *Un mundo sin hogar: modernización y conciencia* (J. García-Abril, Trad.). Santander, Espanha: Sal Terrae. (Original publicado em 1973).
- Berger, P. & Luckmann, T. (2004). *Modernidade, pluralismo e crise de sentido: a orientação do homem no mundo moderno* (E. Orth, Trad.). Petrópolis, RJ: Vozes. (Original publicado em 1995).
- Brandão, C. R. (2005). Pesquisa participante. Em A. L. Ferraro Júnior (Org.). *Encontros e caminhos: formação de educadoras(es) ambientais e coletivos educadores* (pp. 257-266). Brasília: MMA.



- Brandão, C. R. (2007). Reflexões sobre como fazer trabalho de campo. *Sociedade e Cultura*, 10(1), 11-27.
- Canclini, N. G. (1997). *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade* (H. P. Cintrão, Trad.). São Paulo: Edusp. (Original publicado em 1989).
- Capalbo, C. (1996). *Fenomenologia e ciências humanas*. Londrina, PR: UEL.
- Cavaliere, E. (2010). O rigor científico como questão ética em Edmund Husserl. Em *Anais do Seminário Internacional de Pesquisa e Estudos Qualitativos, IV*, s. p. Rio Claro, SP: Unesp. Recuperado em 25 de janeiro, 2012, de www.sepq.org.br/IVsipeq/anais/artigos/1.pdf
- Cicourel, A. (1990). Teoria e método em pesquisa de campo. Em A. Z. Guimarães (Org.). *Desvendando máscaras sociais* (pp. 87-121). Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- Fabri, M. (2007). *Fenomenologia e cultura: Husserl, Levinas e a motivação ética do pensar*. Porto Alegre, RS: Edipucrs.
- Flick, U. (2004). *Uma introdução à pesquisa qualitativa* (S. Netz, Trad.). Porto Alegre: Bookman. (Original publicado em 1998).
- Fragata, J. (1959). *A fenomenologia de Husserl como fundamento da filosofia*. Braga, Portugal: Livraria Cruz.
- Geertz, C. (1989). *A interpretação das culturas* (F. Wrobel, Trad.). Rio de Janeiro: LTC. (Original publicado em 1973).
- Giussani, L. (2008). *É possível viver assim? uma abordagem diferente da existência cristã* (2a ed.). (N. Oliveira & F. Tremolada, Trad.s). Rio de Janeiro: Nova Fronteira. (Original publicado em 1994).
- Giussani, L. (2009). *O senso religioso* (P. A. Oliveira, Trad.). Brasília: Universa. (Original publicado em 1986).
- Halbwachs, M. (2004). *Los marcos sociales de la memoria* (M. A. Baeza & M. Mujica, Trad.s). Caracas: Universidade Central de Venezuela. (Original publicado em 1925).
- Halbwachs, M. (2011). *A memória coletiva* (2a ed.). (L. T. Benoir, Trad.). São Paulo: Centauro. (Original publicado postumamente em 1950).
- Husserl, E. (2006). *Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica* (3a ed.). (M. Suzuki, trad.). Aparecida, SP: Ideias & Letras. (Originais de 1912, publicação póstuma em 1952).
- Husserl, E. (2008). *A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental: uma introdução à filosofia fenomenológica* (D. F. Ferrer, Trad.). Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa. (Original publicado postumamente em 1954).



- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE] (2002). *Censo demográfico 2000: resultados do universo*. Rio de Janeiro: IBGE. Recuperado em 15 de outubro, 2012, de www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2000/default.shtm
- Leite, R. V. (2011). *Viver a tradição e encontrar a alteridade cultural: investigação fenomenológica na comunidade rural de Morro Vermelho*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG.
- Leite, R. V. & Mahfoud, M. (2007a). Cuidar da educação, da cultura e de si: horizontes de uma experiência de resgate da cultura popular na escola. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, 17(2), 74-86. Recuperado em 18 de abril, 2012, de www.revistasusp.sibi.usp.br/pdf/rbcdh/v17n2/09.pdf
- Leite, R. V. & Mahfoud, M. (2007b). Memória coletiva, cultura e educação: horizontes de uma experiência de resgate da cultura popular na escola. Em *Anais Seminário Memória, Ciência e Arte*, V, s. p. Campinas, SP: Centro de Memória da Unicamp. Recuperado em 19 de dezembro, 2011, de www.preac.unicamp.br/memoria/textos/RobertaVasconcelosLeiteeMiguelMahfoud-completo.pdf
- Leite, R. V. & Mahfoud, M. (2010a). "A tradição faz parte do distrito, agora está fazendo parte da escola": a articulação entre cultura popular e educação escolar na comunidade rural de Morro Vermelho. *Revista @mbientação*, 3(1), 52-74. Recuperado em 8 de abril, 2012, de www.cidadesp.edu.br/old/revista_educacao/pdf/volume_3_1/roberta.pdf
- Leite, R. V. & Mahfoud, M. (2010b). Contribuciones de la fenomenología a las investigaciones sobre cultura popular y educación. *Krinen*, 7, 127-150.
- Loizos, P. (2002). Vídeo, filme e fotografias como documentos de pesquisa. Em M. W. Bauer & G. Gaskel (Org.s). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som* (pp. 137-155). (P. A. Guareshi, Trad.). Petrópolis, RJ: Vozes. (Original publicado em 2000).
- Mahfoud, M. (2001a). Empenhado na mudança do milênio: identidade, história e profecia em uma comunidade rural tradicional. *Memorandum*, 1, 2-12. Recuperado em 15 de janeiro, 2011, de www.fafich.ufmg.br/memorandum/artigos01/mahfoud01.htm
- Mahfoud, M. (2001b). Percorrendo as distâncias memória e história. Em A. Hoffmann, J. L. O. Bueno & M. Massimi (Org.s). *Percorrer distâncias: um desafio para a razão humana* (pp. 53-64). São Paulo: Companhia Ilimitada.
- Mahfoud, M. (2003). *Folia de Reis: festa raiz: psicologia e experiência religiosa na Estação Ecológica Juréia-Itatins*. São Paulo: Companhia Ilimitada.
- Mahfoud, M. (2005). Formação da pessoa e caminho humano: Edith Stein e Martin Buber. *Memorandum*, 8, 52-61. Recuperado em 25 de junho, 2013, de www.fafich.ufmg.br/memorandum/artigos08/mahfoud02.htm
- Mahfoud, M., & Massimi, M. (2009). Cultural dynamics in a brazilian community. Em A. C. S. Bastos & E. P. Rabinovich (Org.s). *Living in poverty: developmental poetics of cultural*



- realities* (pp. 49-68). Charlotte, Estados Unidos da América: Information Age Publishing.
- May, T. (2004). *Pesquisa social: questões, métodos e processos* (3a ed.). (C. A. S. N. Soares, Trad.). Porto Alegre: Artmed. (Original publicado em 1993).
- Pereira, A. C. & Mahfoud, M. (2006). Contribuições da memória coletiva e da história para a formação da pessoa e a emersão da singularidade na comunidade tradicional de Morro Vermelho. Em *Anais do Seminário Internacional de Pesquisa, III*, s. p. São Bernardo do Campo, SP: Unesp. Recuperado em 07 de março, 2007, de www.sepq.org.br/IIIisipeq/anais/pdfs/pmchf5.pdf
- Stein, E. (2003). Estructura de la persona humana. Em E. Stein. *Obras completas, vol. IV: escritos antropológicos y pedagógicos* (pp. 555-749). (F. J. Sancho e col., Trad.s.). Vitoria, Espanha: El Carmen. (Originais de 1932-33, publicação póstuma em 1994).
- Stein, E. (2005). Sobre el problema de la empatía. Em E. Stein. *Obras completas, vol II: escritos filosóficos* (pp.55-203). (C. R. Garrido & J. L. C. Bono, Trad.s). Burgos, Espanha: Monte Carmelo. (Original publicado em 1917).
- Thiollent, M.(1986). *Metodologia da pesquisa-ação* (2a ed.). São Paulo: Cortez.
- van der Leeuw, G. (2009). A religião em sua essência e suas manifestações: fenomenologia da religião, 1933, epílogo. (A. F. Holanda, Trad.). *Revista da Abordagem Gestáltica*, 15(2), 179-183. (Original publicado em 1933). Recuperado em 23 de julho, 2010, de http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672009000200014&lng=pt&nrm=iso.
- Zilles, U. (1994). *Teoria do conhecimento*. Porto Alegre: Edipucrs.

Nota sobre os Autores

Camila Pereira Lisboa é graduada em Psicologia, especialista em Gestão Pública e mestre em Psicologia Social. Atualmente, trabalha com projetos voltados para o desenvolvimento profissional e humano em contextos comunitários. E-mail: milalisb@gmail.com

Miguel Mahfoud é Doutor em Psicologia Social, Professor Associado efetivo no Departamento de Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e coordena o Laboratório de Análise de Processos em Subjetividade (LAPS UFMG). E-mail: mmahfoud@yahoo.com

Data de recebimento: 25/09/2014

Data de aceite: 16/10/2015